

Juventudes e Famílias-Estranhamentos entre Gerações, Conhecimentos e Falas- Brasil, 2000¹

Mary Garcia Castro²

RESUMO

A proposta do texto é discutir sentidos das famílias para os jovens, refletindo sobre vínculos, conflitos e representações variadas e focalizando sexualidade. Acessa-se além de literatura variada, survey nacional com 10 500 jovens (15 a 29 anos) realizado no Brasil com a colaboração da UNESCO e do IBOPE (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA et al, 2006); e se explora material de pesquisa construída por grupos focais e entrevistas, além de survey que co-coordenei com diferentes grupos de jovens como ativistas em grupos identitários— dando destaque àqueles dos movimentos LGBT e de jovens feministas (CASTRO E ABRAMOVAY, 2009). Revisita-se, também neste texto como esclarecido, alguns achados de pesquisa (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA, 2004) sobre vivências e representações de jovens alunos do ensino médio e seus pais sobre iniciação sexual, discutindo qual o lugar da família e dos amigos. Tem-se como hipótese que a riqueza e diversidade de situações no real quanto a famílias e juventudes, em particular no que diz respeito ao tema sexualidade, é tangenciada no conhecimento mais normativo como, por exemplo, o direito que no Brasil dá ênfase à tutela da família em nome da proteção de adolescentes (ver BRASIL 2000) e também no senso comum.

Introdução

A proposta do texto é discutir sentidos das famílias para os jovens, refletindo sobre vínculos, conflitos e representações variadas e focalizando sexualidade

Acessa-se além de literatura variada, as seguintes fontes-pesquisas que co-coordenei em distintos momentos do período 2004-2009 empregando técnicas quanti-qualitativas, junto a jovens (15 a 29 anos), no Brasil, a saber:

- 1) um *survey* nacional com 10 500 jovens realizado com a colaboração da UNESCO e do IBOPE (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA et al. 2006) ³ .;

¹ Trabalho apresentado no IV Congreso da Asociación Latinoamericana de Población, realizado em La Habana, Cuba, de 16 al 19 de novembro de 2010³.

² Mary Garcia Castro- Universidade Católica de Salvador/Bahia/Brasil - Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea e Mestrado de Políticas Sociais e Cidadania; Pesquisadora CNPq-castromg@uol.com.br

- 2) pesquisa construída por grupos focais, entrevistas e um *survey* com 1.500 jovens ativistas no campo de políticas públicas de juventude, presentes na I Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude— dando destaque neste trabalho àqueles dos movimentos LGBT e de jovens feministas (-CASTRO E ABRAMOVAY, 2009);
- 3) pesquisa que se baseou em *survey* em 14 cidades brasileiras, grupos focais e entrevistas (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA, 2004)⁴ sobre vivências e representações de jovens alunos do ensino médio e seus pais sobre iniciação sexual, discutindo-se aqui com tal material, qual o lugar da família e dos amigos.

Tem-se como hipótese que a riqueza e diversidade de situações no real quanto a famílias e juventudes, em particular no que diz respeito ao tema sexualidade, é tangenciada no conhecimento mais normativo, como por exemplo o direito que no Brasil dá ênfase à tutela da família em nome da proteção de adolescentes (ver BRASIL 2000) e também no senso comum, obscurecendo formulações que têm significados sócio-relacionais variados, pedindo maior integração de caminhos metodológicos triangulares e explorações de vivências, inclusive em dimensões singulares como da sexualidade, da economia de cuidados, segurança social e da pertença.

³ Na pesquisa foram utilizadas amostras estatisticamente significativas da população de 15 a 29 anos do Brasil, no período de 01 a 12 de julho do ano de 2004, estratificada com alocação proporcional a população de cada estrato sendo que dentro de cada estrato foram selecionadas amostras probabilísticas de conglomerados. Foram entrevistados, pelo IBOPE 10010 jovens entre 15 a 29 anos, em diferentes regiões, tipos de municípios, nas áreas urbanas e rurais. A identificação da classe socioeconômica dos jovens baseou-se no Critério Econômico Brasil, que é construído a partir de uma cesta de bens de consumo que indicam o nível de conforto do lar, tais como televisão, geladeira, computador, automóvel, etc, além, da escolaridade do chefe da família, que é aquele que dá a maior contribuição para as despesas domésticas, e da existência ou não de empregado(s) domésticos na residência. O Critério Econômico Brasil classifica os indivíduos como pertencendo da classe A até a classe E, e na pesquisa, as classes A e B, assim como as classes D e E, foram agregadas, ocasionando uma classificação dos jovens em três grandes classes: A/B, C e D/E. Para maiores informações sobre metodologia ver ABRAMOVAY e CASTRO (2006).

⁴ -O objetivo do estudo sobre Juventudes e Sexualidades (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA, 2004) foi contribuir para o debate sobre as relações existentes entre sexualidade e juventudes na escola, apresentando percepções dos atores que compõem a comunidade escolar (alunos, professores e pais), enfocando principalmente a visão do jovem e suas motivações, códigos de conduta, ideário e perspectivas sobre os seguintes temas: iniciação sexual, ficar e namorar, virgindade, afetividade, fidelidade, gravidez, métodos contraceptivos, abortamento, conversa sobre sexualidade, violência sexual, preconceitos e homofobias. O estudo envolveu crianças, adolescentes e jovens de escolas do ensino fundamental e médio, entre 15 a 24 anos, de 13 capitais brasileiras e o Distrito Federal, recorrendo a um *survey* com 16 422 alunos e enquête não probabilística com 4 352 pais, e a entrevistas e grupos focais com tais atores. Para maiores informações sobre a metodologia da pesquisa, consulte Castro, Abramovay e Silva (2004).

O debate epistemológico subjacente é a questão sobre possibilidades de reconhecimento dos jovens tanto como sujeito de direitos como sujeitos de desejo, priorizando o debate sobre autonomia dos jovens e o respeito a individualidades como as construídas por gênero e geração quando se focaliza sexualidade

Corroboram-se achados da literatura sobre juventude e sexualidade no Brasil que identifica trajetórias diferenciadas por classe e gênero e a propriedade de se referir não a juventude, mas a juventudes (HEILBORN, 1999; HEILBORN ET AL, 2006; MONTEIRO, 1999; CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA, 2004) .

Família, Juventudes e Gênero

Reconhecemos que a família, como instituição histórica, muda de sentidos e morfologia, redesenhando-se relações de gênero, “fraturas do lugar do pai” (ROUDINESCO, 2003) ⁵, o que tem também respaldo em literatura do campo das ciências sociais (e.g. GIDDENS 1993). Registra-se questionamentos das linhas de autoridade nas relações entre gerações, mas se admite que a família ao mesmo tempo em que foi sendo, no Ocidente, “cada vez mais dessacralizada, permanece, paradoxalmente, a instituição mais sólida da sociedade” (ROUDINESCO, 2003, p.20).

Não diríamos necessariamente “sólida”, se o plano é a micro política das relações intergeracionais, mas tanto em falas quanto em biografias se não se conceitua o lugar da família, por funções pré definidas, mas inclusive por idealizações, destaca-se o vínculo, sentidos simbólicos ao nível de afetos e por sentido ontológico, da transcendência, quando se combina valor da modernidade, a busca do eu, com a da tradição, sentido de raízes e continuidade—“a transcendência é o remeter a uma memória e a um espaço-tempo bem determinado, no qual se aviva o papel do indivíduo perante o grupo ao qual pertence” (DONATELLI, 2006, p.107). Evidencia-se a importância da família na constituição de um eu projetado por tempos combinados—vim do pai, ainda que com maior probabilidade da mãe, sou um eu que recusa o pai e serei o pai/a mãe:

⁵ Como Giddens (1993), Roudinesco (2002) e Donatelli (2006, p.12) também destacam que nas mudanças porque vem passando a família, aparecem as relações de gênero e nessas a desestabilização da figura do pai como a lei, a autoridade: “ A família mudou profundamente, mas manteve a sua estrutura e os homens mais que as mulheres são atores coadjuvantes nesse novo cenário criado pela modernidade”

Poderíamos dizer que toda mãe contém a filha em si mesma e toda filha, a mãe; e que toda mulher se projeta para trás estendendo-se na mãe e para frente na filha (...). A mulher vive antes como mãe e mais tarde como filha. A experiência consciente desses laços produz o sentimento de que sua vida está espalhada sobre gerações” (Jung cit in BUCHALLA, 2006: 2006).

Frisa-se a partir de dados da pesquisa sobre “Juventudes e Sexualidades” (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA op. cit.) que de fato os amigos, a fratria (KEHL, 2004) têm lugar básico na iniciação e curso da vida sexual para os jovens, mas que não necessariamente excluem os pais, em particular, se os acontecimentos da vida sexual têm a ver com alguma dependência material e perenidade afetiva. Contudo a ‘sexualidade’ sobre a qual se discute com os pares não focaliza o mesmo repertório que se espera e se recebe de pais e mães.

Ainda que seja reducionismo reler pesquisas empíricas, por outra agenda que não a que originalmente lhe orientou, ou seja, classificar representações e posições quanto a uma serie de indicadores sobre sexualidade de moderno ou tradicional, adianta-se que o horizonte de informações sobre jovens no Brasil com que trabalhamos neste texto sugere mais trânsito entre razão e emoção, sexo e amor, sexo e comunicação, sexo e prazer, sexo e ritual de pertença a um grupo, quando os outros significativos são um parceiro/a parceira ou amigos/as amigas. É quando sexualidade aponta para afirmação ou busca identitária. Trânsitos que há um tempo decolam de histórias sociais, inclusive de idéias e de biografias culturais, e portanto não somente circunscritas ao curso da sexualidade individual, ainda que por exemplo, a razão do afeto, e as “racionalidades’ de uma gravidez guardem singularidades por gênero.

Explorando também literatura sobre juventude e sexualidade, mais aportada em casos no Brasil, corroboramos a que destaca marcas de gênero para apresentar trajetórias de vivencias da sexualidade e sentidos atribuídos à sexualidade, tão destacada dimensão da vida humana, em particular para os jovens, mas que se entrelaça e se condiciona por formas como se vive outras dimensões, como o estudo e o trabalho. Em ultima instância, ao nível do corpo, de um eu imaginado, alguma liberdade é “experienciada”, principalmente quando inseguranças, riscos e vulnerabilizações das confianças limitam horizontes e possibilidades.

Em tempos de desencantos quanto a projetos sociais, resignifica-se biografias em busca de sentidos. Assim advoga Kehl (2004), por exemplo, sobre gravidez na adolescência, que há que cuidar do termo ‘indesejada’ ou ‘não planejada’, e que necessariamente seja tal constituinte

da vida sexual, assumido por jovens como negativo. Quando outros projetos que dependem de oportunidades sociais, como carreira, trabalho gratificante, pertença a coletivos são vulnerabilizados, o corpo, o seu remodelamento, o ter algo seu, pode vir a ser uma forma de auto realização, sentir-se parte de um conjunto, sentir-se útil. Leitura sobre reflexões de Kehl (2004) mais sugere a importância de sair de maniqueísmos analíticos, recusar classificações por dicotomias da vida social:

As adolescentes grávidas são presas da contradição que atinge todos os adolescentes na atualidade: o descompasso entre uma vida sexual ‘adulta’ que acompanha a as condições da maturação biológica e o lugar social de dependência em relação à família que lhes confere uma condição infantil. As transformações morais que acompanharam a expansão da sociedade de consumo beneficiaram os adolescentes com uma grande liberdade sexual, em uma cultura na quais meninos e meninas de 17, 18 anos são considerados pouco mais do que crianças. (KEHL, 2004, p.106).

Kehl (op.cit.) adverte que para muitas jovens e mesmo para seus pais, a gravidez ‘indesejada’ se configura como a possibilidade de busca de sentido de vida, pausa ou outra forma de realizar a herança de “liberdades conquistadas pela geração rebelde dos anos 70”, que por extensão compreenderia “o imperativo de desfrutar a vida, o dever da felicidade e a obrigação da liberdade” (KEHL 2004, p.109). A autora se refere a casos em que para muitas jovens, a gravidez teria um sentido de “limite ao imperativo do gozo”, o que viria acompanhado da possibilidade de não arcar com o ônus da maternagem, considerando a rede de apoio familiar, de mães e avós, assim como o sentido de inventar projetos privatizados, individualizados, considerando a “falta de horizonte coletivo” (KEHL op. cit.).

Além de geração, gênero demarca novos sentidos para a gravidez, o que se em muitos casos se associa a “tradicionais” limites da jovem em negociar uma prevenção, ou buscar agradar o parceiro, também pode ter o sentido de exercício de autonomia—muitas jovens decidem ter o filho, contrariando a disposição de seus parceiros e inclusive de seus familiares-, poder de

decisão, de orientar por conta própria a dinâmica de seu corpo, relacionando-se a novas formas de viver a sexualidade pela mulher.⁶

Tais ponderações sobre sentidos de uma gravidez, de um tipo de sexualidade, de formas de modelar relações sócio-sexo-afetivas e suas implicações com modelações de gênero e poder, sugerem que pouco se avança em debates sobre sentidos da sexualidade se se perde o sujeito integral, suas vivências e idealizações em relações a diversas dimensões de vida, desconsiderando limites de uma sociedade de classes.

Ressalta-se a complexidade do tema sexualidade e família, questionando-se a propriedade de generalização da tese sobre ou não lugar da família na estruturação da sexualidade dos jovens—ou seja tendo um possível não lugar da família como indicador de modernidade.

Mas se defende que de fato sexualidade é um campo minado que impõe limites a autoridade dos pais, como saber competente, principalmente se o foco é uma *ars erótica* e não uma *scientia sexualis*, (FOUCAULT 1984), voltada para o cuidado com o controle da reprodução e da prevenção de DST/Aids ou da “normalização” da trajetória matrimonial.

É principalmente como saber controle e não saber prazer que os pais seriam na etapa de iniciação sexual, principalmente, mais ouvidos, mas, não necessariamente seguidos.

Para Foucault (1984), haveria duas formas de apropriação da sexualidade por saberes, via uma *scientia sexualis* e uma *ars erótica*. Enquanto para esta prevaleceria a preocupação com o prazer e a subjetividade, para aquela, a tônica seria o discurso científico e a preocupação com a reprodução, afirmando o lugar da medicina no disciplinamento do corpo.

Rejeita-se neste texto, insistimos, a comum modelagem por dicotomias com que se discute a imbricação família, juventude e sexualidade, como mais ou menos orientada para a tradição ou para a modernidade, por princípios individualistas ou responsabilidades próprias de uma orientação holista. Paradigma, a nosso juízo, presente mesmo quando se reconhece, por

⁶ “Assim, foi primeiramente do declínio do poder divino do pai, e de sua transferência para uma ordem simbólica cada vez mais abstrata, depois da materialização da família, que surgiu, em toda sua força, a sexualidade das mulheres. Um desejo feminino, fundado ao mesmo tempo sobre o sexo e o gênero, pode então brotar, depois de ter tão temido, à medida que os homens perdiam o controle sobre o corpo das mulheres” (ROUDINESCO 2003, p. 118).

exemplo, que classe, gênero e outras inscrições, por vivências contextuais diferenciadas podem desestabilizar hegemonias como a do individualismo e da modernidade.

Sexualidade remete a ambivalências, à consideração de que vínculos e afetos operam por simbologias próprias, lógicas que misturam biografias e histórias, dinâmicas que não aportam em uma ou outra categorização orientam-se por quadros de interesse individuais versus refletir uma moral transmitida: rejeitam-se ensinamentos dos pais e se os busca em momentos diferentes da trajetória de maturação, passagens de ciclos na sexualidade e por sentidos da sexualidade, antes de tudo vivida combinando múltiplos sentidos, inclusive como comunicação, forma de estar em público, identificar-se com outros significativos, os pares, como vivenciada em busca de auto afirmação .

A família é o porto do qual se quer afastar, mas que simbolicamente se pode voltar o que equilibra referências, em que pese às violências cotidianas que comporta, mesclando essas a afetos, dádivas e sacrifícios pelos seus. Segundo Roudinesco (2003, p.198) com todas as transformações, a família continuaria a ser reivindicada como um “valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições”, o que convive com violências, abusos de autoridade e tiranias em nome do amor.

Temos como axioma, que foge a este texto demonstrar, que sexualidade é também tema complicado para os pais dialogarem com seus filhos e os disciplinarem, por mais que assim sugira os novos manuais sobre família, como a ênfase no fixar limites, pelo imbróglio que representa sua própria sexualidade e padrões de afetividade/intimidade. Estímulos diversos, em particular via a mídia, manuais de auto ajuda e receituário sobre a obrigação de ser feliz (KEHL, 2004; FREIRE COSTA, 2004; DONATELLI, 2006) impõem hoje, como ontem padrões de sexualidade “correta”. Sendo que hoje essa seria a moderna, mesmo quando se realize por singular combinação entre modernidade e tradicionalismo.

Assim, muitos pais idealizam que suas filhas casem virgens, que seus filhos tenham uma vasta biografia sexual pré matrimônio mas que se “entreguem”, elas por amor, eles com ‘mulher honesta’ e que antes de casar, eles e elas tenham alguma experiência, que “conheçam o mundo,

para não cair em tentação depois e não comprem gato por lebre”, ou seja que se tenha um padrão de sexualidade pré e outro pós, matrimonial.

E quem está seguro que tem ou que exerce a sua sexualidade de modo ideal, e o que é isso? Pode-se almejar que os filhos venham a constituir família, que vivam em relações afetivas estáveis, mas que tipo de sexualidade em tais relações ou em outras se quer para que os filhos sejam felizes e socialmente amparados, para que tenham uma sexualidade legítima? E o que é isso? E em que medida sua própria sexualidade (dos pais), é avaliada a contento?

Quando muito nas entrevistas com pais de jovens, em Castro, Abramovay e Silva (2004) os pais ou se referem que “no seu tempo” era diferente, o que para alguns significa mais obediência dos filhos a limites impostos pelos pais ou mais repressão por parte dos pais principalmente em relação às filhas.

2. Iniciação Sexual e Juventudes: Alguns Dados e Representações de Jovens e Seus Pais

Segundo uma das pesquisas de referência deste texto (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006) à medida que se avança na idade, o percentual das pessoas que declaram já ter tido relações sexuais a nível de Brasil como um todo, aumenta, registrando-se um salto de 32 pontos percentuais entre o observado para o grupo etário de 15 a 17 anos (45,8%) e aquele entre 18 a 20 anos (77,8%) (ver Tabela 1, a seguir).

Em outra pesquisa, com jovens no ensino fundamental e médio, entre 15 a 24 anos, realizada em 14 capitais (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA 2004) destaca-se que mais da metade dos jovens do sexo masculino iniciaram-se sexualmente entre 10 a 14 anos, enquanto cerca de 30 a 40% das mulheres jovens tiveram igual trajetória, sendo entre essas mais expressiva a proporção que teve a primeira relação sexual um pouco mais velha, entre 15 a 19 anos (cerca de 60 a 70%). Informa-se nessa pesquisa que a idade média da primeira relação sexual é mais baixa entre os alunos do sexo masculino – variando de 13,9 a 14,5 anos – enquanto que entre as estudantes do sexo feminino, as idades médias da primeira relação sexual são 15,2 a 16 anos.

Tabela 1 – Distribuição dos jovens, segundo se já tiveram relações sexuais, por faixa etária, Brasil, 2004.

Tiveram relações sexuais	Faixa Etária					Total
	15 a 17	18 a 20	21 a 23	24 a 26	27 a 29	
Sim	45,8%	77,8%	90,2%	94,7%	97,4%	79,8%
Não	53,7%	21,7%	9,5%	4,9%	2,5%	19,8%
Não opinou	0,5%	0,6%	0,3%	0,4%	0,1%	0,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa “Juventude, Juventudes: O que une e o que separa”. UNESCO, 2004.

Foi perguntado aos jovens: “você já teve ou não relações sexuais?”. (p.103)

Persiste ainda, segundo sugere a cartografia discursiva de atores entrevistados na pesquisa realizada com pais e jovens de ensino médio em 2004 (CASTRO ET AL), a autocobrança de uma atividade sexual mais precoce e intensa por parte do sexo masculino, a fim de se diferenciar do feminino e ser considerado adulto.

Há uma forte pressão social para que a vida sexual dos rapazes aconteça o mais rápido possível, no que colaboram os pais, como indica o depoimento de um aluno de Cuiabá: *Tipo assim, para o homem, o pai acha que quanto mais cedo ele perder melhor ainda, agora a mulher não, quanto mais tarde a mãe vai achar melhor.* No imaginário social, quanto mais cedo se der essa iniciação, mais experiência e eficiência os rapazes levarão para a vida adulta.

Adultos de referência, como os pais, colaboram na reprodução de tal ideologia de gênero, considerando que homens e mulheres podem lidar diferentemente com apelos da libido, e que as jovens, “naturalmente” dominam a vontade sexual, retardando sua iniciação. Note-se, no discurso seguinte, que essa postura é também acompanhada da afirmação de que as mulheres jovens despertam sexualmente os rapazes, mas que podem melhor se “controlar”:

Acho que não é tanto a questão da virgindade. Quando desperta o sexo na criança, que já começa a bater com doze anos em diante e a transformação com o corpo é quando a menina esquenta. O homem é ele que se sente mais induzido, guiado pelo fato de ser homem, que é o garanhão, procurar mais a mulher, e tudo mais, e ter o ato sexual mais cedo. A menina, a gente sempre segura o máximo possível, mas um dia vai ter que acontecer. Os pais são sempre os últimos, a saber. Quando já ficaram sabendo, já rolou faz tempo. (Grupo focal com pais, escola pública, Porto Alegre, in CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA 2004)

A iniciação sexual, a forma social de perceber sentidos diferenciados por gênero na virgindade, é condicionada pela construção da masculinidade, o que se ampara por rituais de socialização, como a pressão exercida pelos pares. Alguns pais percebem essa exigência social, vinda dos amigos ou de grupos de jovens de referência, como algo negativo, como, por exemplo, os de uma escola na cidade ao Nordeste, Fortaleza: (...) *quem tiver 18 anos numa época de hoje e não tiver saído com nenhuma mulher aí, e não tiver nem uma transa, a turma cai em cima dele, chama ele de boiola, qualquer nome lá que seja, de fresco na verdade.*

Em relação à iniciação sexual das moças, as interpretações se dão por lógica diferenciada àquela atribuída aos jovens. A ausência de experiência sexual é vista como uma estratégia de seleção para relacionamentos que entrelacem o sexual com o afetivo, em um plano de relação estável, do tipo matrimonial. Tal mapa de sentidos se anuncia em declaração de alunos do Distrito Federal, ou seja, em vozes de homens sobre mulheres: *O homem pensa assim: quanto mais menina eu dê uma, assim melhor, sacam? Agora a menina não, geralmente ela escolhe, escolhe, para ver se aquele cara ali que ela vai perder a virgindade dela, vai ser o cara que vai ficar para o resto da vida.*

O estabelecimento de relacionamentos afetivos mais sérios, *maduros*, permanece, em certo sentido, como um valor, uma vez que “o sexo é compreendido como uma dádiva, cedida na expectativa de uma aliança, que é a sua contrapartida” (HEILBORN, 1999, p.54).

Depoimentos de alunos de cidade ao Sul, Porto Alegre, ilustram essa construção: *É preconceito, se a mulher perde a virgindade, os namorados que ela arruma são com segundas intenções. Ele não vai ter a mesma intenção com ela se ela fosse virgem e ele fosse para lá para namorar com ela, é a história do ficar (...).*

Adultos de referência, como os pais, apresentam discurso similar aos antes comentados, em que se valoriza a virgindade, principalmente quando fazem alusão aos seus filhos, como indica o seguinte diálogo entre professoras:

– *Ah, eu acho tão bonito, eu acho lindo. Mas eu acho lindo, eu educo meus filhos assim, se puder fiquem virgem, casem virgem e façam aquele casamento bem bonito, eu acho lindo.*

– (...) *as pessoas não sabem como é, eu mesma não sei como é que eu vou fazer para educar a minha filha, porque no fundo eu quero que ela se case virgem, mas eu não posso impedir.* (Grupo focal com professores, escola pública, Maceió).

A pressão do grupo de pares, entre os jovens, no campo de comportamentos sexuais é enfatizada por muitos atores de pesquisa, constringendo outras vozes, em relação à virgindade como algo estranho, anormal e até amoral. Assim como em algumas ambiências, o não ser virgem galvaniza estigma e rejeição pelos pares, o ser virgem pode ser também motivo de crítica. Segundo depoimento de jovens em um grupo focal em Recife: *Não, acho que se eu já tivesse uns vinte e cinco anos e soubesse que a minha garota fosse virgem, acharia que ela tinha algum problema, ia achar muito estranho, e não ia querer casar.*

Mas a pressão do grupo, entre os jovens, traz também marcas de gênero. Há os que consideram que essa é maior sobre os rapazes, se a questão é deixar de ser virgem:

(...) *para não ser virgem, eu acho assim na teoria deveria ser tudo igual sabe, cada um faz o que quiser, cada um tem seu tempo, pode ser menino ou menina ou gay ou lésbica sei lá seja lá o que for cada um tem seu tempo. Mas na prática não é bem assim (...) não funciona bem assim, tem mais preconceito. Tem mais esse negócio assim de pressão para cima do menino é mais forte do que para cima das moças.* (Grupo focal com alunos, escola privada, São Paulo)

A sexualidade como uma construção social sobre as relações tem um lugar privilegiado na socialização dos jovens, ou seja, há uma preponderância do papel dos amigos, do grupo, enfatizado por vários autores⁷. Em muitos depoimentos, tal plano é destacado, em que se conjugam comportamentos sexuais legitimados com a sociabilidade entre pares. Segundo professores de escola na cidade do Centro Oeste, Cuiabá: (...) *se tem um menino, por exemplo,*

⁷ Ver, Urrea Giraldo *et al.* (2003) E Heilborn *et al.* (2006)

num grupo, os próprios amigos que não são, mas eles precisam, eles ficam tirando onda, tirando sarro e aí vai pressionar ele a cometer aquele tipo de ato.

Alguns depoimentos sobre a virgindade demonstram as dificuldades enfrentadas por jovens referentes aos paradigmas sociais sobre identidades sexuais para homens e mulheres. Ainda vigoram dispositivos de controle que agem, no plano simbólico que criam espaços de tensão na decisão dos jovens em dar início à vida sexual. Muitas moças associam a prática sexual ao amor, principalmente na sua iniciação. Por isso, a preocupação de encontrar a pessoa certa: *guardar para a hora certa, ou ainda tirar a virgindade com o namorado.*

Nesse discurso, agora sustentado pelo amor, o controle do corpo feminino é lentamente deslocado para a sensibilidade afetiva (DUARTE, 1999). A mudança, então, ocorre exclusivamente no âmbito do controle do corpo físico (hímen) para um âmbito mais sutil de controle, aquele das emoções (amor), a passagem para a vida adulta feminina pela perda da virgindade deixa de ser motivo de luto, pois ela é possível desde que haja amor, e a presença do companheiro continue mantendo o *status* da mulher como “correta” (HEILBORN, 1999; MONTEIRO, 1999).

Uma mãe, em Porto Alegre, explicita, nos seguintes termos, a lógica que associa virgindade à escolha da pessoa certa, no momento certo: *Eu acho que a virgindade em questão é assim: tomar a decisão na hora certa, com a pessoa certa e sendo madura para aceitar as conseqüências. Quando você se pergunta e não pode, não é a hora ainda.*

Tal lógica, da pessoa certa ou por amor, tem variações, e pode se sustentar também, mesmo quando não se considera que a virgindade deva ser um valor cultural em si, a preservar:

Não (risos). Não, eu acho que no hoje, no agora, não está mais fazendo diferença nenhuma a virgindade, porque o homem e a mulher não querem mais saber se é virgem ou não é, principalmente se existe realmente o amor, um com o outro, mas antigamente isso era muito importante. Mas eu, no caso da minha filha, eu acho que eu vou tentar fazer o possível para ela não se entregar assim para uma pessoa qualquer, que ela se entregue para uma pessoa que realmente mereça ela. (Grupo focal com pais, Porto Alegre, escola privada)

Alguns pais se dão conta que, independentemente de sua valoração sobre relações afetivo-sexuais, este é um terreno em que a autonomia é exercida pelos jovens, o controle e uso de seu corpo. É quando substituem o discurso da repressão e da imposição por pressão via

parâmetros morais ou pela lógica instrumental do custo econômico e em termos da carga que representam os filhos.

(...) Eu sou um pouco radical com as minhas filhas, eu digo assim: “olha, virgindade não é vida, mas virgindade é uma questão de conceito familiar, é uma questão que você se dar valor, é você viver como uma moça e respeitando aquele título de ser uma jovem moça”. Agora, quem não quiser ser virgem que se cuide, porque se aparecer um filho para eu criar, não, eu não tenho condição de criar neto, quem fizer... assume, porque se eu disser assim: “olha, é minha filha, é claro que eu vou assumir”, ela vai lá e faz, então eu falo assim: “se tu fizer, tu assume, tu vai assumir, tu vai lavar roupa, tu vai trabalhar em casa de família, mas tu vai assumir, porque eu não vou criar”. Então eu acho que a gente não pode dar muita colher de chá para os filhos, abrir muito a mão, porque essa questão é uma questão muito perigosa. (Grupo focal com pais, escola pública Belém).

O discurso sobre a sexualidade, na contemporaneidade, é entremeado por ditames da intimidade que combinam tanto um vetor individualista como igualitário (GIDDENS, 1992), como da diferenciação ou singularidades, o que pode reforçar hierarquias ou colaborar na recusa de assimetrias e desigualdades por sexo, ainda que afirmando identidades no gênero.

Se preconceitos condicionam formatações sobre relações de gênero; se moralidade e costumes informam historicamente a cartografia de sentidos sobre iniciação sexual e virgindade, assim como o controle sobre a reprodução biológica, hoje, passa a Aids e as doenças sexualmente transmissíveis a terem papel de destaque no campo da sexualidade e, por conseguinte, sobre a iniciação e a prevenção.

Eu acho que os pais, os educadores, porque eu também tenho um filho, a gente não está mais preocupado com a questão da virgindade, isso nem passa pela cabeça. A gente está preocupado com a questão da Aids. Com meu filho, eu fico pensando, às vezes, nisso, tem que ter Aids bem na vez dele... (Grupo focal com professores. Escola pública, São Paulo)

3. Disposições familiares: a questão dos limites e o lugar da classe

Uma das variáveis de controle da pesquisa realizada a nível de Brasil com jovens entre 15 a 29 anos (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006) é “classe” social, operacionalizada segundo o Critério Econômico Brasil—que utiliza indicadores de grau de escolaridade dos pais e bens e serviços domiciliares (vê nota 2).

A maior parte da população jovem no Brasil se encontra nas “classes” hierarquizadas como mais baixas (51,8% dos jovens pertencem às “classe”s D e E, sendo que 41,4% pertencem

à “classe” D e 14,4% à “classe” E). As proporções diminuem com a elevação das “classes”, chegando a 1,3% o número de jovens que pertencem à “classe” classificada como mais alta (A) e a 11,2% na “classe” B.

A inscrição de “classe” sinaliza diferenças em uma serie de dimensões que perfilham os jovens, como, por exemplo, a distribuição por tipo de famílias. Entre os jovens brasileiros, 33,8% vivem em uma família cuja estrutura é do tipo nuclear ou extensa, ou seja, com a presença dos pais e irmãos. 19,3% vivem com o companheiro(a) e filho(s), 3,9% somente com o companheiro(a), 7,7% com a mãe, 1,2% com o pai e 1,4% vivem somente com filho(s). Mas note-se que tal distribuição apresenta tendências diferenciadas por “classe”. Com maior probabilidade os jovens que vivem em famílias de tipo nuclear clássica (pais com ou sem irmãos) são da “classe” A/B. Os jovens da “classe” D/E aparecem um pouco mais representados que os das “classes” mais altas, entre os que vivem em família matrifocal e em maior proporção (24,2%) estariam em residências neolocais, tendendo, portanto a constituir novas famílias em idades jovens.(In ABRAMOVAY ET AL 2006)

Sobre o que é permitido e negado ao jovem pelos pais tem-se que o ato de namorar é permitido pela ampla maioria das famílias: 80,9% dos jovens indicam que o namoro é uma prática permitida pelos pais, contudo também é alta a proporção que assinala que é proibido: 18,3%. Com a maior probabilidade os pais mais impõem limite em relação às mulheres jovens que aos filhos rapazes,: enquanto 28,2% das jovens não contam com a permissão dos pais para namorar, não chega a 10% os jovens que declaram contar com tal limite (ver Tabela 2).

Tabela 2 – Distribuição da população jovem segundo permissão dos pais para namorar, por sexo, Brasil – 2004

Namorar	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Permitido	90,9%	71,1%	80,9%
Proibido	8,3%	28,2%	18,3%
Não sabe/ Não opinou	0,8%	0,7%	0,7%
Total	23.696.849	24.135.821	47.832.670
	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa “Juventude, Juventudes: O que une e o que separa”.

UNESCO, 2004-IN ABRAMOVAY ET AL 2006

Foi perguntado ao jovem: estes hábitos são ou eram permitidos ou proibidos pelos seus PAIS – Namorar

Além de gênero também “classe” demarcaria valorações dos pais quanto a limites à vida afetiva sexual dos jovens. Note-se na Tabela 3 que os jovens das “classes” D/E parecem estar mais sujeitos as restrições por parte dos pais, quanto à permissão para namorar, que os das “classes” A/B:

Tabela 3 – Distribuição da população jovem segundo permissão dos pais para namorar por “classe” socioeconômica, Brasil – 2004

Namorar	“classe” Socioeconômica			Total
	“classe” A/B	“classe” C	“classe” D/E	
Permitido	91,5%	85,1%	76,2%	80,9%
Proibido	7,9%	14,2%	23,0%	18,3%
Não sabe/ Não opinou	0,6%	0,7%	0,8%	0,7%
Total	6.015.063	15.112.448	26.705.160	47.832.671
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa “Juventude, Juventudes: O que une e o que separa”. UNESCO, 2004

Foi perguntado ao jovem: estes hábitos são ou eram permitidos ou proibidos pelos seus PAIS – Namorar

Um dos valores pesquisados quanto a comportamento dos pais em relação a vida afetiva e sexual dos filhos que menos conta com a aprovação dos pais é dormir com namorado em casa; 78,1% dos jovens declaram que essa não é uma prática permitida pelos pais, mas 20,7% têm permissão para fazê-lo. Os pais tendem a fixar tal limite, não dormir com o/a namorado/a em casa, principalmente em relação aos mais jovens, como os que não completaram a 4ª série do ensino fundamental. Contudo como também se lê na Tabela 4 esse é um valor que para muitos pais deve ser seguido pelos filhos independentemente do ciclo de vida desses: a maioria dos jovens que têm ou cursam o ensino superior declaram que seus pais não lhes dão permissão para dormir com o/a namorado/a em casa.

Tabela 4 - Distribuição da população jovem segundo permissão dos pais para dormir com o(a) namorado(a) em casa por grau de instrução, Brasil – 2004

Dormir com o(a) namorado(a) em casa	Grau de Instrução				Total
	Até a 4ª Série de Ensino Fundamental	5ª a 8ª Série de Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	
Permitido	17,2%	19,0%	22,2%	33,2%	20,7%
Proibido	81,7%	80,1%	76,6%	65,1%	78,1%
Não sabe/ Não opinou	1,0%	1,0%	1,3%	1,8%	1,2%
Total	10.964.230	16.284.982	17.124.426	3.459.033	47.832.671
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa “Juventude, Juventudes: O que une e o que separa”. UNESCO 2004

Foi perguntado ao jovem: estes hábitos são ou eram permitidos ou proibidos pelos seus PAIS - dormir com o(a) namorado(a) em casa

Mas ainda, que o princípio de que os filhos não devem dormir com o/a namorado/a em casa tenda a prevalecer independentemente do tipo de variável de controle, quando se focaliza “classe” social há variações, apontando para maiores restrições no caso da “classe” D/E. Nessa, 82,4% dos jovens declaram que os pais proibem que se durma em casa com o/a namorado/a. Já na “classe” A/B tal limite é imposto a 65,8% dos jovens desse estrato. (Ver Tabela 5.)

Tabela 5 Distribuição da população jovem segundo permissão dos pais para dormir com o(a) namorado(a) em casa por “classe” socioeconômica, Brasil – 2004

Dormir com o(a) namorado(a) em casa	“Classe” Socioeconômica			Total
	“Classe” A/B	“Classe” C	“Classe” D/E	
Permitido	32,6%	22,9%	16,9%	20,7%
Proibido	65,8%	75,5%	82,4%	78,1%
Não sabe/ Não opinou	1,6%	1,6%	0,8%	1,2%
Total	6.015.063	15.112.448	26.705.160	47.832.671
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa “Juventude, Juventudes:.. O que une e o que separa”. UNESCO, 2004

Foi perguntado ao jovem: estes hábitos são ou eram permitidos ou proibidos pelos seus PAIS - dormir com o(a) namorado(a) em casa

Ao se indagar dos jovens como avaliam suas vidas hoje, considerando a de seus pais, segundo alguns espaços temáticos, como quanto a estudo, trabalho, segurança, diversão, participação política e liberdade sexual tem-se que a tendência é avaliar que estariam os jovens pior que seus pais se se focaliza trabalho e segurança, o que estaria de acordo com o nível de senso comum sobre alguns dos problemas básicos destes tempos, trabalho e segurança, o que conta também com o reforço da avaliação da mídia nesse sentido. Já em relação à possibilidade de estudar, de se divertir, de ter alguma participação política e liberdade sexual, a maioria considera que os jovens estão melhor que os seus pais, sendo que educação e liberdade sexual contam com maior proporção de otimistas. Mas, há que estar atento para a difusão do desencanto com a qualidade de vida dos jovens em tais dimensões, sendo expressiva a proporção dos que acham que estão em situação pior que seus pais. Por exemplo, quanto a estudo, orientam-se pelo

pessimismo, 18,6% dos jovens; quanto a diversão, 26,8%, quanto a participação política, 36% e quanto a liberdade sexual, 24,1% (ver Tabela 6)

Tabela 6- Distribuição da população jovem segundo indicação se os jovens hoje estão melhor ou pior comparado com seus pais, segundo algumas dimensões, Brasil – 2004

Possibilidade de estudar:		
Melhor	37.779.681	79,0 %
Pior	8.891.802	18,6 %
Possibilidade de		
Trabalhar:	19.445.952	40,7 %
Melhor	26.422.643	55,2 %
Pior		
Possibilidade de		
Diversão:	33.221.434	69,5 %
Melhor	12.824.034	26,8 %
Pior		
Condições quanto a		
segurança:	12.001.334	71,0 %
Melhor	33.953.186	25,1 %
Pior		
Quanto à participação na		
vida política:	26.383.131	55,2 %
Melhor	17.210.664	36,0 %
Pior		
Quanto à liberdade sexual:		
Melhor	34.429.447	72,0 %
Pior	11.539.385	24,1 %

FONTE: Tabela elaborada a partir de dados da Pesquisa “Juventude, Juventudes: O que une e o que separa”. UNESCC (2004)

Em relação ao nosso tema foco, sexualidade, as análises sugerem que o quadro antes apresentado de limites que a família traça em relação a alguns construtos de sexualidade/afetividade/vida gregária dos jovens e, em particular, das filhas mulheres, não necessariamente contribui para uma avaliação negativa, sendo alta a proporção de jovens que declaram que quanto a liberdade sexual eles/elas estariam melhor que os seus pais, quer entre os jovens homens (77,6%) quer entre as jovens mulheres (66,5%) (ver Tabela 7). Também por “classe”, ainda que com variações e que os jovens das classes mais altas tendam a ser mais otimistas, a tendência é se avaliar que, enquanto em dimensões relacionadas a institucionalização da sociedade, como trabalho e emprego, os jovens estão pior que os seus pais, em relação a liberdade sexual o sentido da avaliação dos jovens é inverso, o que indica a complexidade dos nexos entre espaços de vida e a relativa autonomia da cultura sobre sexualidade ou de mudanças atribuídas a esfera da família (ver Tabela 7).

Tabela 7 - Distribuição da população jovem segundo liberdade sexual dos jovens de hoje, comparada à geração dos seus pais, por sexo, Brasil – 2004

Liberdade sexual dos jovens de hoje	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Está melhor	77,6%	66,5%	72,0%
Está pior	18,4%	29,7%	24,1%
Está igual	2,4%	1,7%	2,0%
Não sabe/ Não opinou	1,6%	2,1%	1,8%
	23.696.849	24.135.822	47.832.671
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa “Juventude, Juventudes: O que une e o que separa”. UNESCO (2004)
IN ABRAMOVAY ET AL 2006

Foi perguntado ao jovem: Comparando a geração dos seus pais com a geração dos jovens do dias de hoje, você acredita que: Liberdade sexual

OS JOVENS EM MOVIMENTOS SOCIAIS SOBRE A FAMILIA.

É importante em contexto de mudanças nos modelos de famílias e afirmação de vontades e autonomia por adolescentes e jovens, saber o que os jovens pensam sobre a família e a sua importância em relação a seus direitos sexuais.

Nesta seção a referencia é estudo construído por técnicas quantitativas (cerca de 2000 questionários) e qualitativas (realização de 30 grupos focais com jovens de diferentes tipos de organizações, que inclui a percepção que os jovens têm quanto à instituição familiar). Trata-se de um tipo singular de juventude, engajada em movimentos sociais, organizações de varias ordens com interesses em políticas de juventude. A pesquisa foi realizada no ano de 2008 em Brasília na 1ª Conferencia Nacional de Políticas Publicas para a Juventude (CASTRO e ABRAMOVAY 2009)

A família é considerada a principal referência na vida dos jovens para a maioria dos participantes (63%), principalmente entre os de menos de 18 anos (cerca de 70%). Ao serem perguntados sobre a *instituição em que mais confiam*, também a família se destaca no elenco apresentado. De fato a tese de que a família é a instituição social mais importante é parte de um léxico de valores da cultura mediterrânea e ocidental, reproduzida em particular quando a referência são crianças, adolescentes e jovens. Note-se que ao se perguntar *sobre a instituição em que menos confia*, a família aparece com menos de 1% de indicações.

Mas como toda generalização é questionável quando as práticas de relações sociais são investigadas, há várias referências e críticas em grupos focais com relação à família, inclusive registrando violências por força de alinhamento a normas culturais restritivas, como as discriminatórias contra grupos que não seguem o script heterossexual, além de indicações sobre violências sexuais.

É também lugar comum na sociedade a idéia de que os *problemas* dos jovens estariam relacionados à perda de visibilidade social, de exercício de controle, de educação para valores pela família. No entanto encontra-se entre os jovens e na literatura sobre essa população a

discussão de que família seria um empecilho à autonomia dos jovens, principalmente no plano da sexualidade ainda que se reconheça seu lugar de amparo quanto à afetividade e várias necessidades.

No caso abaixo transcrito não somente a jovem ressalta a dificuldade de diálogo na família, como sua impossibilidade, por sua falta de poder, para apelar para o sistema legal, apesar de conhecê-lo e saber como fazer:

O meu receio é sempre esse, fala-se tanto sobre a liberdade, direitos sexuais reprodutivos, orientação sexual, mas dentro da minha casa eu não tenho um dialogo aberto com a minha mãe e o meu pai, sou sempre reprimida e eu falo 'não, mas a gente tem direito, legalização do aborto e tal'. E minha mãe fala, 'é bonito lá, mas aqui dentro eu não quero'. Então esse é meu medo, o meu receio, Eu falo 'não, eu tenho a Maria da Penha', tenho isso, tenho aquilo, mas eu já fui agredida pelo meu namorado e não fiz nada [nem minha família] e aí é bem complicado. (Grupo Focal com Jovens Feministas- in CASTRO e ABRAMOVAY, 2009).

São as jovens do Grupo Focal de Jovens feministas e aqueles que integraram o Grupo Focal de Jovens com Jovens de Movimentos LGBT (lesbicas, gays, bi sexuais, travestis, transgeneros e trans-sexuais) que mais ressaltam os diversos tipos de violências vividas e sentidas, inclusive por parte das famílias, desconstruindo a linha citada anteriormente.

As violências de distintas ordens “assujeitam” o outro, sem ser necessariamente explícitas, mas nos depoimentos chama a atenção também a violência física, desde bater para que se mude de orientação sexual até casos de violências sexuais.

Os jovens ligados ao movimento LGBT analisam vivências e dificuldades de circular em uma sociedade preconceituosa e homofóbica como a brasileira. A sexualidade é discutida através de uma série de valores, crenças, e vivências, muitas vezes baseados na consideração de que alguns são superiores e outros inferiores, principalmente de um ponto de vista religioso e moral. As/os jovens que pertencem ao movimento LGBT referem-se a vários tipos de violências homo fóbicas na esfera doméstica, na escola e na sociedade em geral, inclusive abusos sexuais sem que tivessem contado com uma proteção familiar ou legal:

Essa juventude hoje sofre, principalmente a juventude LGBT que são: os gays, as lésbicas, os travestis, os bi, os transgêneros, sofrem a partir do momento que dentro de casa na família, quando começam a ter sua orientação sexual definida. Quando um

homem ou um gay começa a se travestir de mulher então a mãe, os pais ficam sempre numa preocupação por influência da sociedade. (...), isso é uma coisa nova para alguns pais. Não se pode às vezes culpar os pais, mas geralmente o jovem é posto fora de casa. Muitas vezes é violentado às vezes por um tio, por um primo, perde a sua identificação de ser homo-sexual (...) (Grupo Focal com Jovens do Movimento LGBT In CASTRO e ABRAMOVAY 2009).

De fato apesar de a família ser considerada a principal referência para os jovens, os Grupos LGBT relatam muitas experiências negativas, conflitos e problemas com as suas famílias, em especial jovens lésbicas

O processo de construção da autonomia para o exercício da orientação sexual passaria não necessariamente por negar a família, afastando-se do seu convívio. Insiste-se que os significados da família para adolescentes e jovens é ambivalente, estruturando-se por afetos mesmo que mesclados a violências e por proteções contra hostilidades sociais da esfera pública. Mas o que fica patente por alguns depoimentos é a importância dos jovens não dependerem economicamente de seus pais e não serem tutelados por esses no plano da sexualidade, o que para muitos vai contra seu direito humano a privacidade.

NOTAS CONSIDERANDO CAUTELA SOBRE SABERES RELACIONADOS A DIREITOS SEXUAIS DE ADOLESCENTES E JOVENS

Reiteramos a linha já defendida em outros artigos como o elaborado para a Associação Brasileira de Magistrados e Promotores da Infância, Adolescência e Juventude (CASTRO, RIBEIRO E BUSSON, 2010) sobre o cuidado de pensar sexualidade, adolescências e juventudes na cultura e na história considerando que são distintas as formas como crianças, adolescentes e jovens são codificados em saberes e instituições variadas quanto à sexualidade, mesmo quando prevalece a intenção da proteção. O que em alguns casos camufla reproduções de estereótipos e preconceitos em nome de uma normalidade sexual imposta. Se não se qualifica que tipo de proteção, essa se choca com buscas por individuação, formas de aprender e viver a sexualidade. A sugestão é que há que se cuidar de parâmetros rígidos, se estão em jogo vontades de adolescentes e jovens e combinar certa flexibilidade de julgamentos, o que, se insiste, pede

colaboração inter disciplinar. A rigidez na defesa de “direitos” construídos por outros pode ocultar violências, imposições, abusos de poder.

Concorda-se com a tônica de evitar e punir violências que vão contra os direitos sexuais e reprodutivos de adolescentes, que prevalece no direito brasileiro, mas há que tomar cuidados para não castrar experiências, riscos próprios de um processo formativo mais criativo.

Outra epistemologia sobre saberes que versam sobre direitos humanos e em particular sobre direitos sexuais e reprodutivos de adolescentes e jovens evitaria os extremos de conhecimentos no absoluto, sem referências materiais a diversidades de situações, desigualdades sociais e trajetórias subjetivadas. Claro que sem cair no extremo da relatividade cultural que em nome da diversidade, pulveriza princípios, diluindo a ética de convivência nas relações, o que pede o respeito ao outro, a outra, equacionar igualdade de oportunidades e respeito a diferenças, em relação a opções quanto a vivência da sexualidade, por exemplo.

Não ao acaso são principalmente os e as jovens do movimento social LGBT que mais são críticos ao lugar da família para o exercício de sua sexualidade, autonomia e o direito de viver uma vida sem preconceitos.

O Direito brasileiro tende ao protecionismo da criança e do adolescente e à punibilidade do adulto quando o assunto é criança e adolescente e a delegar à família uma autoridade por proteção dos direitos sexuais e reprodutivos dessa população, quando ela não está preparada sequer para lidar com sua sexualidade e tende a se orientar por estereótipos, estigmas e preconceitos na codificação de tipos de sexualidade legítimas, o que pode vir a ferir o processo de construção de autonomia. Processo que, claro, envolve riscos e até violências, a serem normatizadas, evitadas, mas há que cuidar para não produzir outras violências contra direitos como privacidade e autonomia, em especial contra adolescentes que transgridem os parâmetros do que a família impõe como sexualidade normal.

Defende-se que se deve pensar o jovem e o adolescente, tanto como sujeito de direitos como de vontades, e compreender que ele, ela, são sujeitos de desejo, o que não significa orientação por voluntarismo, mas compreender que tais desejos e vontades decolam de condicionamentos e materialidades vividas, assim como podem vir a ser expressões de formas de ser ou de querer ser que não necessariamente têm em instituições como a família e a escola compreensão e lugar para diálogos próximos aos códigos das adolescências e juventudes.

Adolescentes e jovens, por outro lado estão inseridos em uma cultura globalizada e informatizada o que os tornam mais “antenados” com o que ocorre ao seu redor e mais sujeitos a outras fontes de formação que não as de socialização primária. Por outro lado há que mais considerar o sistema de gênero que vulnerabiliza as mulheres jovens e aqueles e aquelas que não se enquadram em modelos de heteronormatividade, ou no ideal da família e da escola, por exemplo e que também tendem a não contar com o amparo e a proteção de tais instituições, sendo arriscado que o Estado e a sociedade deleguem às famílias a tutela do desejo dos jovens, a ordenação da vida desses adolescentes e jovens que possivelmente serão tratados , como não sujeitos.

O Direito ao Desenvolvimento Sexual da Criança e do Adolescente é um tema que deve ser encarado através de um novo prisma, sem deixar de lado a proteção que estes jovens merecem e têm como garantia por serem ainda vulnerabilizados para a prática de alguns atos da vida civil, mas é preciso que tabus sejam quebrados e a diversidade de situações vividas mais levadas em considerações quando se interpretam doutrinas até totalizantes, com codificações rígidas sobre o certo e o errado.

É evidente, que o perfil do jovem do século XXI mudou, ele e ela estão mais engajados, as crianças aprendem as coisas muito mais cedo e, portanto, há que proteger mais sem idealizar imagens de pureza e inocência e sim relativizá-las, tendo a história trajetórias como parâmetros de avaliação. Não há critérios absolutos, ou baseados em idades cronológicas para a identificação de adultice ou de maturidade.

É de suma importância que os julgamentos de casos que envolvam Direito Sexual de Crianças e Adolescentes sejam embasados na flexibilização da figura da criança e do adolescente, em que se faça uma minuciosa análise de fatores comportamentais, sócio- psíquicos que constituem a realidade do/da jovem em questão. Cada caso deve ser examinado de acordo com trajetórias, desprovido de preconceitos e pré-julgamentos considerando, sim, contextos sociais. Mais do que crianças, adolescentes e jovens vulneráveis há situações sociais, relações em vários ambientes, como na família e na escola que os e as vulnerabilizam e é em relação a tais processos, e contra violências que os e as adolescentes necessitam, pedem proteção e/ou apoio, para poderem alçar vôos próprios.

As pesquisas de referencia deste texto indicam que a socialização dos jovens no campo da sexualidade se dá principalmente entre os pares e metade dos jovens pesquisados indicam que colegas ou amigos são os que mais lhe informam sobre sexo.

O nível de conhecimentos sobre temas correlatos à sexualidade pode ser empecilho ao diálogo entre pais e filhos. Ainda que a maioria afirme ter conhecimentos, mais de um terço não têm informações. Pais de alunos que afirmam que possuem conhecimento suficiente sobre as DST variam de 69,6% a 56,9% (CASTRO ET al 2004).

Na literatura sobre juventude e sexualidade é comum sublinhar diferenciais por gênero, já informações de Abramovay e Castro (2006) que controlam variável *proxy* de ‘classe’ social sugerem que mais se precisa investir também por conhecimentos sobre juventudes em diferentes situações sócio econômicas. Se os jovens das “classes” D/E tendem a sair mais cedo da casa dos pais, constituem em idades mais jovens suas próprias famílias e com a maior probabilidade devem também estar mais engajados em trabalhos remunerados e pertencerem a famílias em que pai e mãe estejam envolvidos também em atividades no mercado, por outro lado, e, em maior proporção, são eles alvos de limites dos pais quanto a práticas tipo namoro, chegar tarde em casa e trazer amigos/amigas para dormir em casa.

Tais diferenciais por “classe” sugerem a ambivalência entre espaços temáticos, condicionando a sexualidade dos jovens tanto sentidos próprios, buscas de autonomia, identidades, desejos, fantasias, quanto condicionamentos por materialidades de vida em cenários diversos, eivados por necessidades para alguns e por privilégios para outros.

De fato, a simples distribuição dos jovens, segundo gênero e classe, por indicadores de iniciação sexual, sinalizam trajetórias que devem combinar histórias sociais e biografias que pedem pesquisas mais referidas a contextos, ordenação da economia, política e da cultura.

As análises que decolam de pesquisas com jovens e seus pais não induz a otimismo nem ‘alarmismos’. Sinalizam contra generalizações sobre “a morte da família” e o exercício de uma liberdade sexual sem limites entre os jovens, ao contrário, indicando que se não conseguem, os pais tentam domesticar sexualidades e impor limites.

Contudo tanto o quadro de representações de jovens, como de seus pais, sobre temas como iniciação sexual, virgindade, o que é próprio de homem e de mulher e a limitada agenda de conversas sobre sexualidade, mais restrita ao controle de uma gravidez ou de uma DST/AIDs, não animam pensar que viria se desassociando, em particular, no imaginário dos pais, sexualidade, reprodução biológica e conjugalidade. Não se tem muitas pistas a favor da tese de que se amplia a vigência de ideais de igualitarismo, considerando gênero, e uma formatação afetivo sexual por “amor confluyente”, como sugere Giddens (1993).⁸

Em discursos dos pais sobre a sexualidade dos jovens, se a referência não é o controle da gravidez ou evitar a contaminação pela Aids, as conversas sobre sexualidade entre gerações, quer intra ou inter gêneros circulam pelo sentido social moral, prescrito para as jovens, como guardar certo comportamento para “não ficar falada”, para ser considerada “moça de família” ou de afirmação de masculinidade. Quando nas conversas entre pais e filhos estimula-se a experiência, a multiplicidade de relações sexuais.

Assim, uma sutil divisão ‘geracional’ de discursos sobre sexualidade se realiza: com os pais e por sexualidade se entende conhecimento de controle, o sexo para a saúde biológica e social, o ‘sexo limpo’. Com os pares, aborda-se a *ars erótica*, diversidade de práticas, fantasias e sensações. Mas, tanto com os pais quanto com os pares, afirma-se o dito e transmitido sobre o

⁸ *O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da idéia do amor romântico. O amor confluyente pela primeira vez introduz a ars erótica no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento chave na manutenção ou dissolução do relacionamento.*

....

[O modelo do amor confluyente] proporciona a possibilidade de uma revitalização do erótico - não como uma habilidade especial das mulheres impuras, mas como uma qualidade genérica da sexualidade nas relações sociais formadas pela mutualidade, ao invés do poder desigual (GIDDENS, 1993, p.73 - 220)

sexo pelo estatuto ritualizado de maturação, a demonstração do ser mulher ou ser homem, com toda a ambígua carga de reprodução do tradicional e a ‘caricatura’ do ser moderno.

A complexidade de uma sociologia reflexiva sobre o lugar da família no exercício e representação sobre sexualidade de jovens rapazes e moças decola do próprio sentido e representação da família para os jovens. Esta, por mais tradicional que o seja, como grupo de relações primárias baseada no afeto e em valores é agência de socialização primária questionada na tensão entre vínculos de afeto e de autoridade e negação por processo de individuação, e sexualidade é dimensão básica para tal processo para os jovens, considerado assunto próprio.

A família vai além do dito, nega-se no verbo e se afirma subliminarmente. Ela está lá, é parte do inconsciente coletivo.

Ao tempo que os filhos reclamam nas entrevistas “minha mãe não conversa sobre sexo”, “meus pais não me ensinaram nada”, nota-se que se requer dos pais informações, e não formação sobre sexualidade, não sobre o aprender a fazer, nem o aprender a ser sujeito sexualizado. Até porque, comumente os filhos são críticos dos padrões de conjugalidade, afetividade e muito mais, da sexualidade dos pais, ou o que estereotipam como tal.

Não se valora o que lhe é passado por palavras, no entanto, se internaliza exemplos, como é ou foi a vida íntima dos seus pais e as trajetórias de vidas conjugais desses.

Reitera-se por achados empíricos dos estudos com dados e entrevistas com jovens e seus pais o que, na literatura sobre a interação temática juventude e sexualidade e família e sexualidade, mais se tem como consenso, que as famílias são agências primeiras para a reprodução de diferenciais de gênero tendendo à reprodução de hierarquias e estereótipos nas construções do gênero feminino e do gênero masculino.

Insiste-se, sexualidade é um dos temas mais dolorosos para os pais e para as mães, na sua relação com os filhos e de mais ambíguo trato. Neste texto, destacamos entrevistas com pais e mães sobre tal tema. Ressaltando-se tendências várias e combinadas, muitas vezes, quando se idealiza a reprodução da tradição ou se quer parecer muito moderno, mas, tende-se a reconhecer que mais do que exercer limites sobre os filhos, são esses que impõem aos pais e mães em que podem ou não regular explicitamente suas atividades sexuais.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. Juventude, Juventudes: o que une e o que separa. UNESCO, Brasília, 2006.
- BRASIL, Governo-Estatuto da criança e do adolescente. Lei nº 8.069/2000. [S.l.: s.n.], 2000
- _____. Código dos menores. [S.l.: s.n., 19-?].
- _____. Constituição (1988). Artigo 227. Brasília: Senado Federal, 1998.
- _____. Decreto n. 17.943-A, de 12 de outubro de 1927. Brasília: [s.n.], 1927.
- _____. Lei n. 6.697, de 10 de outubro de 1979. Brasília: [s.n], 1979.
- BUCHALLA, Anna Paula “Uma relação tão delicada. Mães e filhas” In Revista Veja, 23 de agosto 2006, p 95-98
- CASTRO, Mary Garcia; RIBEIRO, Ingrid e BUSSON, Shayana- “Norma e cultura: diversificação das infâncias e adolescências na sociedade brasileira contemporânea. Debates sobre direitos sexuais e reprodutivos” – ABMP, Childhood Brasil, Brasília, 2010
- CASTRO, Mary Garcia e ABRAMOVAY, Miriam *Quebrando Mitos. Juventude, Participação e Políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas para a Juventude.* Conselho Nacional de Juventude, Secretaria Nacional de Políticas para Juventude-Governo do Brasil, Brasília, 2009
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. Juventude e Sexualidade. UNESCO: Brasil, 2004.
- DONATELLI, Dante A Vida em Família: As novas formas de tirania. São Paulo, Arx, 2006
- DUARTE, Luiz Fernando Dias “O Império dos sentidos: sensibilidade e sexualidade na cultura ocidental moderna” In HEILBORN, Maria Luiza (org) Sexualidade.O Olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1999, p 21-30
- FOUCAULT, M. A história da sexualidade. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexo, amor e erotismo nas sociedades modernas, Ed UNESP, São Paulo, 1993
- HEILBORN, Maria Luiza “Construção de si, gênero e sexualidade” In HEILBORN, Maria Luiza (org) Sexualidade.O Olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1999, p 40-58.
- HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela M.L.; BOZON, Michel e KNAUTH, Daniela Riva (org.) *O Aprendizado da Sexualidade. Reprodução e Trajetórias Sociais de Jovens Brasileiros.* Ed Garamond, São Paulo, 2006

KEHL, Maria Rita “A Juventude como Sintoma da Cultura”. In Novaes, Regina e Vannuchi, Paulo (orgs.) Juventude e Sociedade. Instituto de Cidadania/Ed Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2004, p89-114

MONTEIRO, Simone “Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca” In HEILBORN, Maria Luiza (org) Sexualidade.O Olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1999, p 117-145

ROUDINESCO, Elisabeth. A família em desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.